

experiências musicais e as relações que elas proporcionam como forças dinâmicas de mudanças (BRUSCIA, 2000).

Após os atendimentos, o grupo de profissionais se reunia para realizar estudos sobre o caso atendido, integrando suas visões em busca de um único objetivo: o desenvolvimento global do paciente. Este momento, para grupo, proporcionava uma grande riqueza de aprendizagem e capacitação, onde cada profissional relatava sua leitura sobre o atendimento realizado e ouvia os relatos dos colegas, constituindo uma visão integradora sobre a clientela e as propostas interventivas realizadas. Esse era o momento em que ocorria o desenvolvimento da metodologia interdisciplinar, onde cada relato propiciava aos participantes da equipe um 'desapego' das posições disciplinares especializadas (JAPIASSU, 1976), fechadas, possibilitando a abertura para perspectivas e novos caminhos na terapêutica das crianças cegas.

Conclui-se que a participação do musicoterapeuta, a partir dos atendimentos interdisciplinares propostos em uma equipe com essa perspectiva, favorece diversas ações: o desenvolvimento global do indivíduo, a ampliação da aplicabilidade da Musicoterapia, tanto na construção quanto na expansão de conhecimentos entre todos os profissionais e a abertura de canais de comunicação entre todos os envolvidos.

Finalizando esta vivência, alcançamos uma prática de estágio advinda de aprendizados que acontece numa via de mão dupla: os alunos-estagiários aprendem com os profissionais dos serviços e estes expandem suas qualificações com aqueles. **TODOS CRESCEM!**

REFERÊNCIAS

- BRUSCIA, Kenneth E. Definindo musicoterapia, 2ª ed. Rio de Janeiro: enelivros, 2000.
- JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- RAMOS, Débora A. Um olhar diferente a psicopedagogia e o bebê deficiente visual. 2007. 61f. Monografia (especialização em psicopedagogia institucional) – Instituto a Vez do Mestre, Universidade Candido Mendes, Goiânia, 2007.
- OCHAÍTA, E; ESPINOSA M. A. Desenvolvimento e intervenção educativa nas crianças cegas ou deficientes visuais. Desenvolvimento Psicológico e Educação, v. 3, p. 151-172. 2004.

103- Pisando o Palco- um resultado da musicoterapia com pacientes adultos cegos. Mara Toffolo/MG¹ e Marina Toffolo/MG².

O projeto "Pisando o Palco" nasceu no decorrer das sessões de musicoterapia, realizadas com pacientes adultos cegos na APAE - Ouro Preto. Durante doze sessões às quais o grupo foi submetido, foi observado o desejo dos mesmos em se apresentar em público.

Nesse projeto a apresentação em público representa um elemento capaz de simbolizar um processo de experiência coletiva, evocando vivências musicais, acolhendo e transformando aspectos individuais e coletivos do grupo.

O principal objetivo dessa experiência era utilizar-se da apresentação em público com diferentes tipos de experiências musicais, capaz de permitir a interação entre o coletivo – a experiência do grupo inteiro, o social – a experiência trocada com a sociedade que o assiste, o pessoal – a experiência própria do paciente. O desafio dessa prática é fazer com que a apresentação se torne um elemento a mais dentro do contexto musicoterápico.

Música, musicoterapia, apresentação em público e auto-estima

A música tem o poder de atuar intensamente no mundo interno da pessoa. Tal capacidade faz da música uma arte ímpar, uma experiência estética que mobilize as possibilidades do indivíduo. Este se descobre capaz de criar e de expressar, por meio dela, emoções, sentimentos, estado de espírito (Haguinara, 2003).

Segundo Bruscia (2000) a música é experienciada como um processo artístico sempre que o foco está no puro prazer estético derivado do ato de fazer música ou ouvir música. O produto resultante dessa prática, de se fazer música, se dá pelo valor estético de improvisar, compor, re-criar, apresentar e alcançar o processo artístico.

¹ Bacharelado em Violino pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Musicoterapeuta em formação pelo Conservatório Brasileiro de Música - Rio de Janeiro Integrante da Orquestra Ouro Preto desde 2002. Trabalhou em diversos projetos promovendo a inicialização de crianças e adultos no estudo do violino. Desenvolveu trabalhos na área de educação infantil com o projeto Musicalização Através da Vivência e Construção de Instrumentos Alternativos. Professora de LIBRAS. Coordenadora do Instituto Candonguêro Arte e Cultura na cidade de Ouro Preto-MG. maratoffolo@hotmail.com

² Bacharelado em Violino pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Musicoterapeuta em formação pelo Conservatório Brasileiro de Música - Rio de Janeiro Trabalhou em diversos projetos promovendo a inicialização de crianças e adultos no estudo do violino. Desenvolveu trabalhos na área de educação infantil com o projeto Musicalização Através da Vivência e Construção de Instrumentos Alternativos. Capacitada em LIBRAS. Professora e Coordenadora do Instituto Candonguêro Arte e Cultura na cidade de Ouro Preto-MG. mtoffolo@gmail.com

Nessa experiência musical, a música assume um papel puramente estético no qual paciente e terapeuta criam, ouvem e trabalham a música por seu próprio valor, sem qualquer propósito que não seja a apresentação musical como um processo artístico. “A música aqui é incorporada ao processo terapêutico. A arte é terapia, mesmo quando não é utilizada com esse propósito. Portanto, dar ao cliente experiências puramente estéticas também facilita e melhora o processo terapêutico” (Bruscia, 2000, p.156).

A música pode ser experimentada como processo estético sem se prender a padrões ou exigências estabelecidas por músicos ou profissionais, o produto a ser atingido pode ser simplesmente o fazer musical, a performance.

O núcleo que se desenrola todo o processo musicoterápico é a ação de fazer música, ou seja, produzir e organizar sons. Não só a intenção de comunicar-se está em jogo dentro da terapia do próprio prazer de tocar, de cantar, de ouvir, de ser escutado. Ao escutar e ser escutado tem início uma forma rudimentar de percepção do “outro”, de algo ou alguém pertencente ao espaço exterior, seja este “outro” o instrumento musical ou uma pessoa (Costa, 1989).

“Os potenciais terapêuticos infinitos da música devem ser explorados ao máximo, devemos ir além das definições e fronteiras tradicionais da música estabelecidas por outros campos.” (Bruscia, 2000, p.99).

Apesar das muitas possibilidades de experiências musicais utilizadas em musicoterapia, a apresentação foi uma experiência, um caminho para se chegar a um objetivo terapêutico estipulado. A proposta era fazer com que os pacientes atingissem o potencial máximo, uma melhoria na auto-estima, através da apresentação musical, alcançando assim o objetivo do tratamento.

Em nosso trabalho, o contexto musicoterápico foi priorizado e musicoterapeuta e paciente(s) estavam ativos ou comprometidos no processo da apresentação como objetivo – o de fazer música, através de atividades musicais como improvisação e recriação proporcionando a produção musical do paciente. Visando assim o paciente no processo como o performer de sua própria música, ou o intérprete de uma música que poderia expressar suas emoções e sentimentos através da sua execução (BARCELLOS, 2008).

A performance, segundo Swanwick (1979), é a atividade de tocar um instrumento ou cantar, considerando-se desde o repertório mais simples, inclusive sem notação musical, até o mais elaborado. A apresentação em público é uma experiência muito particular que envolve muitos aspectos emocionais do performer.

Segundo Rink (Op. Cit., p.439), o performer é o narrador das idéias do compositor ou daquele que narra uma mensagem expressiva e afirma que o é muito mais do que um simples executante. Segundo Barcellos (2008), a expressão através da música leva o paciente como um narrador musical de sua própria história, ou seja, ele faz a sua própria música, a sua narrativa musical, de acordo com sua história de vida e clínica, contando/cantando-a para alguém – o musicoterapeuta – aquele que o escuta. Ou, ele recria a música de outros compositores, narrando seu mundo interno através das

palavras destes.

Aquele que o escuta dentro da prática da apresentação musical nesse caso é o público. O público desempenhou um papel fundamental dentro desse projeto. Por se tratar de uma apresentação que chamo de “caseira”, ou seja, uma apresentação para poucos convidados, todos escolhidos pelos próprios pacientes, formado por familiares e amigos, o público não era apenas o ouvinte de suas histórias, eram pessoas das quais os pacientes sentiam-se seguros a sua presença.

Walter Howard afirma que “é o público que propõe ao artista seus objetivos” (1984, p.103). É importante para os pacientes um reconhecimento caloroso do seu trabalho confirmando a importância de se alcançar os seus objetivos propostos. No caso das apresentações informais, o público é frequentemente formado por pais, colegas, amigos e familiares.

Pisando o palco, o paciente pode vivenciar uma experiência musical única, que mobiliza aspectos psicológicos individuais e grupais. Em especial, para esse grupo, a palavra-chave para justificar a prática dessa apresentação dentro do contexto terapêutico foi a promoção da auto-estima e da autoconfiança. Em uma entrevista feita com os pacientes antes do início das sessões de musicoterapia, eles relataram a grande insegurança que sentiam para realizar tarefas do dia-a-dia e principalmente pela baixa auto-estima que muitas vezes os levavam um estado de apatia e depressão.

De acordo com Bradem, (apud KOHUT, 1985), a auto-estima é o fator mais decisivo que o homem possui para o desenvolvimento psicológico e a motivação. É resultado da autoconfiança e do auto-respeito, que por sua vez resulta na auto-imagem. “Quanto mais auto-estima nós possuímos, mais amado, respeitado, reconhecido e apreciado nós nos sentimos” (KOHUT, 1985, p.43).

A auto-imagem, que está diretamente ligada à personalidade e ao comportamento, Maxwell Matez apud KOHUT, que afirma:

a auto-imagem é a chave da personalidade e do comportamento. Mude a auto-imagem e você muda a personalidade e o comportamento, é mais que isto, ela define o que você pode ou não fazer. Aumente sua auto-imagem e você aumenta também a área do possível (in KOHUT, 1985).

A prática da apresentação em público pode ser bastante eficiente quando trabalhada junto ao grupo a formação da auto-estima, da auto-imagem, das virtudes e da autoconfiança. Esse processo pode ser chamado de recurso ou poder psicológico. Os autores Friedmann (1996) e Antunes (2002) denominam:

Poderes psicológicos: são assim definidos como os recursos responsáveis pelo aumento da auto-estima dos sujeitos e de seu auto-reconhecimento de um ponto de vista ético-cultural. Aspectos essenciais desta classe de recursos é a auto-estima, a autoconfiança, a pro atividade, o sentimento de pertencimento pertença e de devir, entre outros. A idéia aqui é a de que não bastam os demais recursos do empoderamento se os indivíduos e grupos não acreditarem que os possuem e têm plenas condições de alocá-los em suas estratégias de ação, sós ou com outros.

Para Horochovski e Meirelles (apud SPREITZER, 1995) o empoderamento

individual ou intrapessoal ocorre quando indivíduos singulares são/se auto percebem como detentores de recursos que lhes permitem influir nos e mesmo controlar os cursos de ação que lhes afetam. Embora fortemente influenciado por fatores psicológicos – auto-estima, temperamento, traumas e experiências – o empoderamento individual é relacional, na medida em que resulta da percepção que os indivíduos têm de e em suas interações com os ambientes e as demais pessoas.

Para a autora Maria da Glória Gohn (2004) em seu artigo "Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais", o significado da categoria "empowerment" ou "empoderamento" como tem sido traduzido no Brasil, não tem um caráter universal. Tanto poderá estar se referindo ao processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades - no sentido de seu crescimento, autonomia, melhoria gradual e progressiva de suas vidas (material e como seres humanos dotados de uma visão crítica da realidade social), como poderá se referir a ações destinadas a remover simplesmente a pura integração dos excluídos, carentes e de mandatários de bens elementares à sobrevivência e serviços públicos.

O empoderamento tem se tornado um termo de uso corrente, apresentando muitas possibilidades conceituais, podendo ser empregado por várias maneiras, por diferentes visões atuais.

Para Horochovski e Meirelles (apud SPREITZER, 1995) o empoderamento individual ou intrapessoal ocorre quando indivíduos singulares são/se autopercebem como detentores de recursos que lhes permitem influir nos e mesmo controlar os cursos de ação que lhes afetam. Embora fortemente influenciado por fatores psicológicos – auto-estima, temperamento, traumas e experiências – o empoderamento individual é relacional, na medida em que resulta da percepção que os indivíduos têm de e em suas interações com os ambientes e as demais pessoas. É, portanto, uma variável mediadora entre o indivíduo e o ambiente que o circunda, tendo antecedentes socioestruturais: "empoderamento envolve um entendimento crítico do ambiente sociopolítico, não sendo um 'traço de personalidade estático', mas sim um 'construto dinâmico contextualmente orientado'" (HOROCHOVSKI e MEIRELLES apud ZIMMERMAN, 1990, p. 495).

Durante as doze sessões de musicoterapia que antecederam a apresentação em público, a preocupação em trabalhar a auto-estima e autoconfiança dos pacientes foi um componente importante para alcançar o objetivo do projeto "Pisando o Palco". No trabalho musicoterápico houve a preocupação em elevar no grupo esses dois aspectos fazendo com que se tornassem o foco principal da terapia, para o grupo e para própria formação individual.

A aplicação e a eficiência da prática da apresentação em público dentro da terapia dependeriam da forma como musicoterapeuta e pacientes conduzirão o processo. Foi estabelecido um vínculo de confiança durante as sessões de musicoterapia fazendo com que os pacientes se sentissem realizados a apresentar-se. A motivação do grupo e o desejo dos mesmos de se apresentarem foi a ponte encontrada para fazer dessa experiência musical um ganho nas respostas terapêuticas já então alcançadas. A qualidade da apresentação influenciou no incremento de sentimentos positivos a respeito de si. Esse fortalecimento esteve ligado a sessões de musicoterapia a que foram submetidos e à capacidade dos mesmos de obterem um resultado favorável na

apresentação em público.

Outra questão importante em apresentar-se diz respeito aos agentes de mudanças externas. O "pisando o palco" aconteceu em um auditório pequeno, na cidade de Ouro Preto, e foi um encontro entre os pacientes e seus convidados. A mudança de ambiente para esses pacientes que todos os dias saem de suas casas para a APAE e exploram pouco novos ambientes, é a oportunidade desses de trabalharem a exploração do novo e a autoconfiança de estarem descobrindo novas possibilidades. Segundo Horochovski e Meirelles (apud ROMANO, 2002) esses agentes podem funcionar como catalisadores iniciais, mas o impulso do processo se explica pela extensão e a rapidez com que as pessoas e suas organizações mudam a si mesma.

A apresentação musical pode funcionar como uma interação com o outro ou um relacionamento social. Para Rogers (apud FADIMAN e FRAGER) a interação com o outro capacita um indivíduo de (descobrir, encobrir, experimentar ou encontrar seu self real de forma direta. O relacionamento social nesse caso é todo o contado dos pacientes com esse público. Fadiman e Frager afirmam que em terapia, em situações de encontro e em interações cotidianas o feedback dos outros oferece às pessoas oportunidade de experienciar a si mesmas.

Referências

- BRUSCIA, Kenneth. Definindo Musicoterapia. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- COSTA, Clarice Moura. O despertar para o outro. São Paulo: Editora Summus, 1989.
- HOWARD, Walter. A música e a criança. Tradução de Noberto Abreu e Silva Neto. Summus editorial: São Paulo, 1984.
- FADIMAN, James & FRAGER, Robert. Teoria da Personalidade. Coordenação de tradução Odette de Godoy Pinheiro; tradução de Camila Sampaio, Sybil Sofdié – São Paulo: Haper & Row da Brasil, 1979.
- FRIEDMANN, J. Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo. Celta: Oeiras, 1996.
- HOROCHOVSKI, Rodrigo & MEIRELLES, Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. Anais do II Seminário Nacional de Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- GOHN, Maria da Glória. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. Saúde e Sociedade vol.13 n2. São Paulo: 2004 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010412902004000200003&script=sci_arttext&tlng=es
- KOHUT, Daniel. Musical Performance learning: teory and pedagogy. New Jersey, Englewood, England, 1984.
- NACHMANOVITCH, Stephen. Ser Criativo: o poder da improvisação na vida e na arte. Tradução de Eliana Rocha. São Paulo: Summus, 1993.
- OLIVEIRA, Humberto e CHAGAS, Marly (organizadores). Corpo expressivo e Construção de Sentidos. Rio de Janeiro: Mauad X : Bapera, 2008. Disponível em: http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf
- RINK, John. Translating Musical Meaning: The Nineteenth-Century Performer as

Narrator. In: COOK, Nicholas e EVERIST, Mark (Eds.) Rethinking Music. Oxford: Oxford University Press, 2003.

SAID, Edward. Elaborações Musicais. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SALMON, Paul & MEYER, Roberto. Notes from the Green Room: coping with Stress and Anxiety in Musical performance. New York: Lexington, 1992.

SWANWICK, Keith. Ensinando música musicalmente. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

104- Aplicações tecnológicas em musicoterapia: o setting vibroacústico. Roger Carrer/SP¹

Resumo

A musicoterapia vibroacústica une ondas sonoras puras de baixa frequência e música, devidamente aplicadas por um musicoterapeuta através de uma "cadeira vibroacústica". Este trabalho visa a apresentar esse procedimento e está dividido em duas partes: 1) uma breve revisão bibliográfica de artigos e pesquisas publicados sobre a aplicação da terapia vibroacústica, com ou sem música acoplada às ondas sonoras entre 25Hz e 75Hz, no tratamento de diversas condições clínicas, dentre elas: dor crônica, espasticidade, hipertonia e ansiedade (Skille, 1982/1995; Wigram, 1995/2007; 2) uma descrição do setting vibroacústico e de sua montagem para a realização da musicoterapia vibroacústica na aplicação clínica e na pesquisa transdisciplinar através de um protocolo híbrido de avaliação (quantitativa e qualitativa). Serão apresentadas também as referências teóricas para a construção da "cadeira vibroacústica" (Skille, 1982; Wigram, 2007; Carrer, 2007/2008), bem como as referências para a elaboração do repertório musical e das ondas sonoras utilizadas em uma sessão de musicoterapia vibroacústica.

Abstract

The vibroacoustic music therapy combines pure low frequency sound waves and music, in a music therapy environment, through a "vibroacoustic chair". This paper presents this procedure and is divided in two parts: 1) a brief bibliographic research from articles and researches published about the application of vibroacoustic therapy, with or without music together with the sound waves between 25Hz and 75Hz, in the treatment of many health problems like: chronic pain, anxiety, hipertony and spasticity (Skille, 1982/1995; Wigram, 1995/2007; 2) a description of the vibroacoustic setting and its assembling for application and transdisciplinar research through a qualitative and quantitative protocol. It will also be presented references for the construction of the "vibroacoustic chair" (Skille, 1982; Wigram, 2007; Carrer, 2007/2008), and the references for the musical repertory and the sound waves for the vibroacoustic music therapy session.

Introdução

O foco principal deste trabalho é apresentar um instrumento de aplicações múltiplas em musicoterapia: o setting vibroacústico. Através da prática clínica realizada ao longo de dois anos, percebemos resultados positivos, pois a percepção incorporada (LEMAN, 2008) e ampliada através da cadeira vibroacústica promove uma relação nova e

¹ Bacharel em Musicoterapia pela Faculdade Paulista de Artes – SP (2007) e técnico de áudio pela Faculdade Souza Lima – SP (2003). É coordenador de musicoterapia no PEPA (Projeto Especial para Adolescentes e Adultos) desde 2005 em São Paulo. Musicoterapeuta, projetista e pesquisador na área de Musicoterapia Vibroacústica (MTVA). É professor de música e consultor em tecnologia e musicoterapia no laboratório Sinergiamusic. Atua como músico, multi-instrumentista, produtor e arranjador musical. Atualmente participa do grupo de estudos In-Music/Unifesp (SP), sobre música e inteligência. Email: roger_carrer@terra.com.br